

A GESTÃO ESCOLAR NA ERA DO CONHECIMENTO: UM DESAFIO TRANSFORMADOR DE INFORMAÇÃO EM FORMAÇÃO

Maria das Neves Gonçalves (1); Maria Venâncio Lima (2); Raqueline Chaves de Araújo (3).

mestre.neves@hotmail.com (1); mariavenancio01@gmail.com (2);

raqueline.chaves@hotmail.com (3).

Resumo: o presente artigo tem como objetivo enfatizar o dilema da Gestão Escolar na construção do conhecimento referente a transformação de informações em conhecimentos. Essa realidade nos dias atuais tem ganhado espaço nas escolas públicas, pois trata-se de uma necessidade da escola passar do estágio programático para uma postura dialógica. Desse modo, a gestão escolar terá o papel de formar professores reflexivos para que em salas de aula se desenvolvam projetos de um ensino moderno o qual será uma prática constante de ação-reflexão-ação considerando novos saberes. Nesse sentido, este artigo faz um diálogo de teorias que orientam transformar informações em conhecimentos e apontando as possibilidades das aprendizagens na sociedade pós-moderna no âmbito da educação; refletindo a gestão do conhecimento exigida no ato do educar no século XXI. A partir da competência como habilidade intelectual capaz de ser aplicada em diversas atividades se propicia uma gestão de ensino para confrontar o desafio; transformar informação em formação. E para desencadear a descrição do trabalho foi desenvolvido uma pesquisa qualitativa a iniciando um estudo bibliográfico em várias fontes de pesquisas como ANTUNES (2010); BAGNO (2010); FREIRE (1996); MORIN (2002); PERRENOUD (2010) e outros. Ainda, foi realizada informalmente observações sobre o papel dos gestores escolares de escolas públicas. Desse modo, a contribuição da pesquisa será vista como as reflexões inspiradoras de um olhar holístico do papel da gestão na escola e considerando a realidade de gestores, professores e alunos.

Palavras-chave: escola, gestão escolar, formação de professores.

INTRODUÇÃO

A sociedade do conhecimento permite acesso democratizado, universal, global e total a informação e ao conhecimento, por meio dos meios de comunicação e equipamentos eletrônicos. Estes estão de acesso a maioria da população; vive-se num mundo conectado e a escola o que tem proporcionado em sala de aula para acompanhar tais avanços? A educação brasileira precisa avançar para romper com o tradicionalismo e, principalmente discutir questões de informação e formação para isso é preciso um diálogo entre todas as áreas do conhecimento. A escola precisa

refletir sua prática docente para acompanhar os avanços científicos, tecnológicos e educacionais.

Sabe-se que a sociedade do conhecimento se reproduziu com a construção das redes sociais, das interações e colaborações, entre os indivíduos. Essa rede conectada interage pessoas e troca informações. Tudo isso quando acontece o indivíduo torna-se membro e a escola passa dar sentido aos saberes dos aprendentes ,daí começa a discutir, contribuir, produzir informação e colaborar com a construção do conhecimento d a rede que pertence.

O grande desafio dessa era não é mais o professor ensinar conteúdos, posto que esses estão todos disponíveis na internet, mais quais informações são importantes e relevantes para o crescimento e desenvolvimento cognitivo, como tais informações vão mudar o modo de ver o mundo e de fazer a pessoas crescerem intelectualmente. O desafio é dar sentido a escola por meio de programas e projetos em sala de aula. Cabe a coordenação pedagógica monitorar as práticas pedagógicas.

De que forma a gestão escolar pode colaborar para essa nova proposta de ensino? A gestão escolar tem o papel de gerenciar o trabalho pedagógico, portanto, compete os gestores desenvolverem projetos que ensine a ensinar a construir novos saberes. As novas estratégias de ensino devem ser aplicadas para dar sentido a escola e, conseqüentemente melhorar a qualidade de ensino.

E com o objetivo de mostrar que no século XXI o desafio é transformar informação em conhecimento que foi escrito este artigo. Sendo que tudo este processo perpassa pelo ensino sistêmico e paradigmático o qual exige uma nova postura dos coordenadores escolares.

A sociedade do conhecimento inaugurou uma nova era. Nesse sentido, a escola não pode ficar no recorde de ensinar conceitos por meio de procedimentos passivos, porém mediar uma concepção de ensino dinâmica, considerando as novas tecnologias e as múltiplas linguagens, pois a sala de aula é uma conexão interativa entre sujeitos com potencial ilimitado no sentido de criar e recriar.

Portanto, o ensino nos dias atuais deve promover uma aprendizagem para a vida toda, é preciso desenvolver novas competências para garantir essa educação

integral, favorável a vida pessoal e profissional. Cabe aos gestores garantirem uma atuação transparente e formadora na escola, coerente com as novas exigências da sociedade contemporânea.

REFERENCIALTEÓRICO

A aprendizagem de exigência social e paradoxal para a vida.

Graças a essas novas tecnologias da informação, a escola, em nossa sociedade, já não é fonte primeira de conhecimento para nossos estudantes e, às vezes, nem mesmo a principal, em muitos ângulos, por isso a exigência social é a constante busca de informações. As “primícias” informativas reservadas à escola hoje são restritas. Dado que a escola já não pode proporcionar toda a informação relevante, porque está é mais flexível e célere que a própria escola, o que se pode fazer é formar os estudantes para terem acesso e darem sentido à informação, propiciando alternativas de aprendizagem que lhes permitam uma consciência da informação, portanto, isso é transformar informação em conhecimento.

Essa realidade, talvez, permita formar cidadãos para uma sociedade aberta e democrática, para aqui que Morin (2001) ,chama de democracia cognitiva e, mais ainda, formá-los para abrir e democratizar a sociedade requer dotá-los de capacidades de aprendizagem, de modos de pensamento que lhes permitam utilizar estrategicamente a informação que recebem, para que possam converter essa informação que recebem, para que possam converter essa informação – que muitas vezes flui de maneira deficiente em muitos espaços sociais – em conhecimento verdadeiro, em um saber autorizado e ordenado. É preciso conhecer para repassar informações.

Segundo MORIN (2002, p. 37):

conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele [...] Novas descobertas ainda vão modificar nosso conhecimento, mas, pela primeira vez na história, o ser humano pode reconhecer condição humana de seu enraizamento e de seu desenraizamento.

Vivemos em uma sociedade da informação que só se converte em uma verdadeira sociedade do conhecimento para alguns, aqueles que puderam ter acesso às capacidades que permitem desentranhar e ordenar essa informação e,

principalmente dela fazer uso prático na vida profissional. Para isso é preciso dar sentido a escola por meio de atividades que faça os aprendentes pensarem.

Em consequência dessa multiplicação informativa, bem como de mudanças culturais mais profundas, experimentamos uma crescente incerteza intelectual e pessoal. Não existem mais saberes ou pontos de vista absolutos que se devem assumir como futuros cidadãos; a verdade é coisa do passado, mais do presente ou do futuro, esse conceito hoje já é repassado e que, portanto, está presente em nossa cultura da aprendizagem, mas sem dúvida, é preciso repensar nossa nova cultura de aprendizagem, sem, com isso, ingressar no radicalismo do relativismo. Vivemos na era da incerteza. Como diz Morin (2001, p.59):

o primeiro é cerebral: o conhecimento nunca é um reflexo do real, mas sempre tradução e construção, isto é, composto risco de erros;
O segundo é físico: o conhecimento dos fatos é sempre tributário da interpretação;
O terceiro é epistemológico: decorre da crise dos fundamentos da certeza, em filosofia, depois em ciência.
Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certo, mas dialogar com a incerteza.

É preciso aprender a conviver com a diversidade de perspectivas, com a relatividade das teorias, com a existência de múltiplas interpretações de toda informação, para construir, a partir delas, o próprio juízo ou a ideia do real. Ao que parece, a literatura, a arte e, menos ainda, a ciência não está assumindo uma postura realista, segundo a qual o conhecimento ou a representação artística devem refletir a realidade, mas tratam de interpretá-la ou construí-la. Não cabe mais a educação proporcionar as crianças e os jovens conhecimentos como se fossem verdades absolutas; ao contrário, ela deve ajudá-los a construir seu próprio ponto de vista, sua verdade particular a partir de tantas verdades parciais.

Tudo isso vem ao encontro das ideias de Morin (2001, p.76), “conhecer e pensar não significa chegar à verdade absolutamente certa, mas sim dialogar com a certeza”. Sem dúvida, isso requer mudar nossas crenças ou teorias implícitas sobre a aprendizagem, posturas antigas de uma tradição cultural em que aprender significava repetir e assumir as verdades estabelecidas que o aluno e tampouco o professor não podia não coloca dúvida e, muito menos dialogar com elas.

Nesse sentido, hoje o cognitivo do aluno deve ser explorado, vivemos na revolução tecnológica na bioética, mudanças que exige uma nova forma de ensinar

e de aprender. É preciso trabalhar as competências. Conforme Perrenoud (2010, p.94):

não basta colocar os saberes mais sólidos à disposição dos professores, nem mesmo em publicações e legíveis. Se os professores não forem, à partida, mais bem formados em ciências humanas e sociais, ignorá-los-ão durante toda a sua carreira ou procurarão neles receitas simples [...] influenciar as práticas por intermédio dos saberes é informar e formar, de todas as maneiras possíveis.

É notório a importância de a formação inicial do professor ser bem orientada, pois, o sistema educacional não pode formar especificamente para cada uma dessas necessidades; porém, pode formar os futuros cidadãos para que sejam aprendizes mais flexíveis, eficazes e autônomos, dotando-os de estratégias de aprendizagem adequadas, fazendo deles pessoas capazes de enfrentar os novos desafios, a demanda da sociedade e da aprendizagem. Para atender tais necessidades os gestores terão o papel de oferecer formações aos professores para darem respostas aos desafios da sociedade por meio do ensino.

O conhecimento e as novas competências

Um dos pontos essenciais da educação, para poder atender às exigências dessa nova sociedade de aprendizagem, seria, portanto, proporcionar aos alunos capacidades de gestão do conhecimento por meio de competências e habilidades ou, se preferirmos, de gestão metacognitiva, já que, para além da aquisição de conhecimentos pontuais concretos, esse é o único meio de ajudá-los a enfrentar as tarefas e os desafios que os aguardam na sociedade do conhecimento. Além de muitas outras competências interpessoais, afetivas e sociais.

Sabe-se que a nova cultura da aprendizagem requer, no mínimo, ensinar aos alunos, a partir de diferentes áreas do currículo, e cinco tipos de capacidades para a gestão metacognitiva do conhecimento consiste em compreender:

- Competências para a aquisição de informação.
- Interpretação da informação.
- Competências para a análise da informação.
- Competências para a compreensão da informação.
- Competências para a comunicação da informação.

Evidentemente, vivemos em uma sociedade do conhecimento, o acesso a esse conhecimento culturalmente gerado não é fácil, como mostram as crises permanentes vividas por nossos sistemas educacionais, às voltas como demandas cada vez maiores de alfabetização – isto é, de universalização de sistemas culturais de representação e conhecimento; representação além da numérica e da escrita, mas também científica, artística, econômica, política e outras.

Para tanto, o valor crescente do conhecimento, assim como sua gestão social em nossa sociedade, deveria revalorizar a importância dos processos de aprendizagem ou de aquisição de conhecimento, já que constituem uma das ferramentas mais poderosas para essas novas formas de gestão social do conhecimento. Quem não pode ter acesso às múltiplas formas culturais de representação simbólica socialmente construídas por diferentes leituras e escritas esta socialmente, economicamente e culturalmente empobrecido. Em resumo, na sociedade da aprendizagem, converter esses sistemas culturais de representação em instrumentos de conhecimento – fazer uso de uma forma holística requer apropriar-se de novas formas de aprender e de relacionar-se com o conhecimento. Todos esses desafios serão enfrentados por nossos sistemas educacionais no presente e no futuro.

Na visão de Morin (2002, p. 76):

para compreender o que insere o homem no mundo físico e vivo, e o que o diferencia dele, seria contada a ventura cósmica, tal como podemos discerni-la atualmente, [...] a partir da aventura da hominização (com indicação de todos os enigmas que ainda encerra), seria colocado o problema do surgimento do Homo Sapiens, da cultura, da linguagem, do pensamento.

Essa cultura do pensamento deixa claro que o ensino tradicional jamais dará conta de um novo saber necessário para interpretar e compreender a dinâmica da realidade. E em sala de aula muitas são os questionamentos sobre os diversos assuntos abordados nas mais diversas áreas do conhecimento, mas nem sempre as respostas são deixam os alunos satisfeitos porque as metodologias de ensino não são associadas a realidade. Cabe a gestão da escola monitorar as práticas de ensino.

Á medida que a sociedade vai tornando-se cada vez mais dependente do conhecimento, é necessário questionar a concepção de educação e de aprendizagem. É importante entender a aprendizagem como uma atividade contínua, que se entende ao longo da vida. A educação tem de criar condições para

o aluno desenvolver a habilidade de aprender a aprender, de modo que ele seja capaz de continuar sua aprender com sentido útil em toda suas dimensões: educacional, social e cultural.

Conforme Celso Antunes (2010, p.16):

“o importante é não apenas despertar nos estudantes esses instrumentos, como motivá-los a desenvolver sua vontade de aprender e quer saber mais e melhor. Pretende-se assim despertar em cada aluno a sede do conhecimento, a capacidade de pesquisar cada vez melhor e a vontade de desenvolver dispositivos e competências intelectuais que lhes permita construir suas próprias opiniões e seus pensamentos críticos.”

É visível que, o conhecimento é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação. É algo construído, intimamente relacionado com a experiência de vida de cada indivíduo e impossível de ser passado o que é passado é a informação que advém desse conhecimento, porém nunca o conhecimento em si.

Essa distinção entre informação e conhecimento leva a diferentes significados atribuídos aos conceitos de aprendizagem. Um significado pode ser o de memorizar informação. Aprender está relacionado com a capacidade de reter a informação que foi transmitida. Nesse sentido, a educação passa a ser vista com o processo de “depositar informação” no aprendiz – a “educação bancária” tão criticada por Paulo Freire.

Portanto, aprender significa apropriar-se da informação segundo os conhecimentos que o aprendiz já possui e que estão sendo continuamente reconstruídos. Considerando essa literatura é possível concluir que os termos educação e aprender não estão necessariamente relacionados com construção de conhecimento. O mesmo acontece com os termos educação ao longo da vida e aprendizagem ao longo da vida. A interpretação mais interessante e desejável para esses termos é aquela que está relacionada com a construção de conhecimento. O acontecimento mais evidente de uma educação para o longo da vida foi o Relatório para a Unesco sobre Educação para o Século XXI, Educação – um tesouro a descobrir, por Delors em 1996.

Essa revolução veio imprimir que a implantação da concepção de aprendizagem continuada ao longo da vida, no sentido de construção de conhecimento, deve ser vista como via de mão dupla. Por um lado, a sociedade deve oferecer condições que as pessoas possam atribuir significado à informação, independentemente do local. Por outro lado, as pessoas precisam conhecer como aprendem para que possam tirar proveito das situações que, de certo modo, já estão sendo oferecidas pela sociedade. Para isso, é preciso o coordenador orientar as mais diversas linguagens na sala de aula; mediar ações educativas por meio de projetos interdisciplinares.

A gestão escolar e os novos conhecimentos no chão da escola

Uma das características essenciais de todo fenômeno educacional é sua condição complexa, crítica e instável. Os fatos educativos se movem entre os limites da conservação e da formação social, o qual sempre configura um cenário móvel e permanente de crise, que exige, por sua vez, continuações e reflexões, recriação, reconstrução e reorientação, tanto de caráter sociopolítico, como também epistemológico e metodológico. (BATALLOSO, In: MORIN.2001).

O chão da escola é para levar o aluno a pensar essas e outras questões, pois a sala de aula comporta questões externas e internas –nossa existência, e a vida no planeta-interna, tudo isso se relaciona com a natureza humana e nossa forma de construir conhecimentos e no sentido de mediar as práticas do exercício da cidadania pelos educandos.

Tudo isso nos leva a pensar: o que é que fica dentro de nosso ser quando, depois de ter frequentado anos de estudos assistindo aula, damos conta de que toda a informação e o suposto conhecimento recebido e legitimado socialmente têm, unicamente. Um valor de mudança que se perde e caduca? Nós recordamos nossas experiências escolares e acadêmicas e, na maioria das vezes, deixamos passar o tempo. A escola e a universidade são campos obrigatórios para nos ensinar a viver e a sobreviver em uma sociedade competitiva. E o que temos oferecido nos estudos e certificações para o conhecimento de nós mesmos e dos educandos? O que os diplomas e as conexões têm nos oferecido de conhecimentos para construirmos e produzirmos instituições escolares e acadêmicas para darmos resultados

operadores e colaboradores para disciplinar mentes escolarizadas, capazes de conceber novas formas de pensar, sentir e de fazer educação de qualidade. É preciso a escola adotar um ensino para atender às necessidades da globalização e de uma educação libertadora.

Portanto, a coordenação pedagógica tem o compromisso legal, educacional e social para despertar a cultura letrada, humanizada, científica e tecnológica entre os aprendentes no sentido dar sentido à escola. Desse forma, o acompanhamento dos gestores pedagógicos é de grande relevância para o desenvolvimento das aulas de professores e formal dos sujeitos aprendentes.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa sobre o desafio do coordenador frente transformar informação em conhecimento utilizamos como metodologia bibliográfico, método concebido a partir de materiais já editados (Prodanov e Freitas,2013). Essas literaturas atribuem embasamento aos trabalhos desenvolvidos, mostrando os conhecimentos de respaldo na área em que a temática é discutida e, ao mesmo tempo, nos faz refletir diretamente e indiretamente o trabalho dos gestores pedagógicos nas escolas públicas, no intuito de garantir a sustentabilidade de aprendizagem significativa.

O método científico empregado é o indutivo, que segundo Prodanov e Freitas (2013, p127) “passa do particular para o geral”. Tendo em vista que a prática do coordenador é articular os conhecimentos gerais da pedagogia diretamente na sala de aula, em todas as disciplinas para dar sentido ao ensino o desafio só vem aumentando, porque “é o chão da escola” seu ponto de partida para causar as mudanças, e nem todos os autores do processo educativo estão envolvidos como deveriam.

Atualmente, faz-se necessário refletir a visão de vários autores pesquisadores sobre o papel do coordenador pedagógico relacionadas aos componentes curriculares, a aprendizagem e construção do conhecimento, disciplina, ética, avaliação, materiais didáticos e a interação com a comunidade.

Tipos de pesquisa

A pesquisa é inerente a ciência, visto que objetiva gerar conhecimentos novo úteis para publicação de novas descobertas, embora muitas das vezes, não se aplica as novas contribuições de pesquisas, apenas feitas pesquisas para responder inquietações do pesquisador. Sendo o mais importante uma comunicação de algo que pode e deve mudar as realidades; seja educacional, social ou pessoal.

Quanto aos procedimentos técnicos, caracterizamos este artigo como: pesquisa bibliográfica, que constitui o referencial teórico com base em: ANTUNES (2010); Bagno (2010); PERRENOUD (2010); FREIRE (1996); MORIN (2002); e outros. Com abordagem qualitativa a pesquisa revela as vantagens da utilização do monitoramento das atividades em sala de aula, para colaborar com as implementações de novos saberes e conteúdo, mas também manter a capacidade reflexiva de conceitos ministrados pelos professores. Isso foi possível analisando a literatura dos autores supracitados.

A abordagem do problema: transformar informações em conhecimento tem caráter qualitativo, em que a literatura estudada está em questão do trabalho do coordenador pedagógico, necessitando assim de uma pesquisa de campo para aprofundar sobre o assunto com entrevistas, questionários em escolas públicas (4 escolas), da rede estadual de ensino, com coordenadores, professores e alunos.

Este estudo, teve também o intuito de mostrar com a escola pública implementa vários programas e projetos, porém, muitas vezes não dar frui uma boa aprendizagem porque se trata de apenas conceituar conhecimentos “ignorado “ pelos aprendentes. Tudo isso por meio de observações informais de fatos da realidade educacional, por isso os resultados da pesquisa não foram contabilizados especificamente, ficando uma reflexão de teoria prática das práxis educacional e da literatura pesquisada.

Portanto, a proposta de trabalhar o pedagógico a favor da escola com sentido constitui uma atividade responsável a favor da inovação pedagógica, além de, proporcionar o ensino com qualidade; uma escola com sentido. Tudo isso, foi descrito em meio cotidiano da escola pública mediado pela pessoa do coordenador pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mensagem final deste artigo mostra que as mudanças educacionais estão ligadas aos discursos econômicos, da competitividade, da efetividade nos custos e da responsabilidade, as desigualdades socioeconômicas e correspondentes relações com o poder. Também é possível entender que a política educação exige que o aluno desenvolva as competências e habilidades com sentido na sala de aula e fora dela. E para atingir uma formação na vida tal atividade deve ser explorada pelos nossos professores em sala de aula, a gestão escolar precisa acompanhar os planejamentos; e por meio de sugestões didáticas pedagógicas metodológicas propor construir conhecimentos a partir de informações de fatos contextuais que fazem parte da vida dos educandos.

Entendeu-se, também que as tecnologias da comunicação e da informação são instrumentos fundamentais para uma boa formação de professores e de alunos, esses últimos principalmente porque trata-se de uma geração que já nasceu conectada com as novas tecnologias. Desse modo, os discentes frequentam à escola para construir novos conhecimentos a partir de informações, pois, tais desafios requerem da gestão pedagógica e dos professores uma nova postura de ensinar e de aprender com os pares. É necessário que os professores ministrem aulas considerando suas próprias pesquisas, pois conhecendo as realidades se justifica um a formação de sujeitos proativos e, conseqüentemente garantir uma formação integral dos educandos.

Portanto, o artigo aqui produzido faz parte de uma pesquisa em andamento, visto que se pretende em outro momento enumerar algumas práticas de coordenação pedagógica de escolas públicas municipais, no sentido de identificar como a escola trabalha na sociedade do conhecimento. Aqui foi uma investigação bibliográfica que servirá como reflexão para um melhor trabalho pedagógico e para fundamentar estratégias referentes a exploração das competências e habilidades capazes de formar sujeitos aptos a “aprender a aprender”, a favor da formação cidadã e, principalmente a escola seja um espaço com sentido na vida do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. MORAES, Maria Cândida. **Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

ANTUNES, Celso. **A prática dos quatro pilares da educação na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: O que é como se faz**. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2010.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Lei 9.394/96**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sullina, 2015.

PERRENOUD. Philippe. **Aprender a negociar a mudança em educação: novas estratégias de inovação**. Curitiba: Editora Melo, 2010.

_____. **Por que construir competências a partir da escola? Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades**. Curitiba: Editora Melo, 2010.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E. C.de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed.- Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Sacristán, José Gimeno [et .al]. **Educar por competências: o que há de novo?** Porto Alegre: Artmed, 2011.